



NAS BRENHAS DO SERTÃO MATO-GROSSENSE NA OBRA INOCÊNCIA DE VISCONDE DE TAUNAY

Gisseli Maria Melo dos Santos¹

Lidiane Melos dos Santos²

Epaminondas Magalhães de Matos³

Elias Quintão da Silva⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo, primeiramente, discutir o regionalismo, como movimento que se ergue a partir da Independência do Brasil, em 1822, quando a produção literária volta-se para as particularidades do interior do país, demonstrando a dualidade entre campo e cidade. Em segundo lugar, discutir a representação do sertão mato-grossense na obra *Inocência*, de Visconde Taunay, focando a transfiguração do espaço como um cronotopo, em que esse espaço – o sertão – influi diretamente sobre a forma como os fatos são narrados e de como as personagens se portam no romance. Em *Inocência*, o espaço e o tempo criam caracterização e tipificam as personagens: a mulher caseira, o tipo sertanejo, o tipo viajante etc.

PALAVRAS CHAVE: Sertão. Regionalismo. Inocência

IN THE WILDERNESS SHAGGY MATO GROSSO IN THE WORK OF INNOCENCE OF TAUNAY VISCONDE

ABSTRACT: This article aims, first, discuss regionalism, as a movement that rises from the independence of Brazil in 1822, where the literary production back to the particularities of the country, demonstrating the duality between field and city. And finally, discuss the representation of Mato Grosso hinterland in the work *Innocence*, Viscount of Taunay, focusing on the transfiguration of space as a chronotope in this space - the interior - has a direct influence on how the facts are narrated and how the characters behave in the novel. In *Innocence*, space and time create characterization and typify the characters: a homely woman; the frontiersman type; the type traveler etc.

KEYWORD: Backcountry. Regionalism. Innocence

¹ Acadêmica do 4º Semestre do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres, MT – Brasil. gisselim10@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenadora de Estágios na Faculdade do Pantanal – FAPAN, Cáceres – MT, Brasil. lidi_mstop20@hotmail.com

³ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- Professor do Instituto Federal de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda-MT. epa.magalhaes@hotmail.com

⁴ Bacharel em Farmácia pela Faculdade de Quatro Marcos – FQM. Coordenador e Professor do Curso de Farmácia da Faculdade do Pantanal – FAPAN. farmacia@fapan.edu.br



Quase todo o mundo tinha medo do sertão: sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais (João Guimarães Rosa, Manuelzão).

Alfredo Maria Adriano d'Escragnole Taunay (1843 - 1899) foi político, pintor, compositor, crítico de música, membro da Academia Brasileira de Letras (cadeira 13 – patrono Francisco Otaviano); membro do Instituto de Geografia; Oficial da Ordem da Rosa; Cavaleiro da Ordem de São Bento, da Ordem de Aviz e da Ordem de Cristo.

Na obra literária de Visconde de Taunay, intitulada *Inocência*, escrita em 1872, composta por 30 capítulos e mais um epílogo, cujo desenrolar do romance se passa na “quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província de Mato Grosso a estrada que dá acesso a vila Sant’Ana do Paranaíba” (1872, p.07). O livro narra a história de um amor impossível entre Cirino e Inocência; ele é um boticário (um curandeiro) que está hospedado na casa de Pereira, que é pai de Inocência e desconfia de seu outro hóspede, que se chama Meyer, um alemão zoologista, naturalista que faz muitos elogios à moça, sem saber dos costumes do sertão, e até dá o nome de Inocência à sua descoberta, uma borboleta muito bonita que passa a se chamar *Papilio Innocentia*. O amor é impossível porque a moça já está prometida a Manecão Doca, que é um vaqueiro; Pereira deu sua palavra a Manecão de que sua filha se casaria com ele.

Inocência, de Visconde de Taunay é a representante máxima de um momento em que se inicia o declínio da estética romântica e o surgimento das concepções realistas. Taunay cria uma obra “[...] com rara simplicidade de meios, língua chã e até comum, estilo natural de quase nenhum lavor literário, composição sóbria, desartificiosa, quase ingênua, e, relativamente à então vigente, original e nova, saía uma obra-prima” (VERÍSSIMO, 1969, p. 238).

Quanto à estética realista, Veríssimo (1969) destaca que:

[...] escrever o primeiro romance realista [no caso *Inocência*], no exato sentido do vocábulo, da vida brasileira num dos seus aspectos mais curiosos, um romance resumando a realidade, quase sem esforço de imaginação, nem literatura, mas que a emoção humana da tragédia rústica, de uma simplicidade clássica, idealiza nobremente (VERÍSSIMO, 1969, p. 237).

Taunay era observador e analista, isso fica comprovado na obra *Inocência*, pois ele descreve minuciosamente o espaço em que acontece a história. Conta com clareza e descreve



corretamente o interior mato-grossense, tanto no falar das personagens quanto na ambientação. O autor mantém em equilíbrio a realidade e a ficção, de modo que o leitor possa imaginar essa história ocorrendo.

Contudo, não podemos simplesmente reduzir a produção de Visconde de Taunay a uma obra bairrista, pois ele não reduz a produção e as descrições contidas no interior do texto, apenas, como representação minuciosa do meio. Mas se configura como um projeto estético de valorização das regiões centrais do Brasil, buscando compreender os homens que habitam o interior do país.

O projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio a descrever: no que aprofundavam a linha realista estendendo-se para a compreensão de ambientes rurais ainda virgens para a nossa ficção. Voltando as costas para as modas que as elites urbanas importavam, tantas vezes por mero esnobismo, puseram-se a pesquisar o folclore e a linguagem do interior, alcançando em alguns momentos, efeitos estéticos notáveis (...) (BOSI, 1970, p. 232)

É esse regionalismo que vemos na obra *Inocência*, de Taunay e que nos interessa neste estudo, a partir do momento em que, após a Independência do Brasil, em 1822, ergue-se um sentimento pelo qual se busca a independência literária, voltando-se para os elementos regionais.

Depois da independência o pendor se acentuou, levando a considerar a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e a particularização dos temas e modo de exprimi-los. (CANDIDO, 1981, p. 26)

Nesse sentido, o regionalismo não pode ser visto como algo simplesmente negativo, uma vez que ele apresentou algumas particularidades necessárias para a configuração da identidade nacional, nesse primeiro momento de construção da brasilidade. Segundo Sena (2003), no Brasil, “[...] o regionalismo esteve presente desde o início do nosso romance, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Taunay, etc., como uma via de definição da consciência local” (SENA, 2003, p. 114) para se criar uma identidade cultural.

O regionalismo deve passar de simples localismo, representado nas obras pelo pitoresco das formas típicas e dos ambientes, para passar ao largo regionalismo. Segundo Coutinho, uma obra de arte para ser regional,



[...] não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real deste local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural-clima, topografia, fauna, flora, etc. - como elementos que afetam a vida humana na região, e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outro. Este último é o sentido de regionalismo autêntico (COUTINHO, 1986, p. 202)

A partir do exposto, é possível perceber que existem obras com um discurso regionalista que se fixa nos elementos de uma dada cultura local simplesmente. Quando a literatura regional projeta uma personagem que engendra uma coletividade, ou apenas busca exaltar a terra e seus elementos, estamos diante de um plano superficial do regionalismo. Contudo, o que vemos em *Inocência*, de Taunay, é um regionalismo que se distancia da visão bairrista e se alça à representação do homem e de sua cultura – a sertaneja – não se fixando, somente, no local.

Há uma aproximação da obra com o Realismo, em que se percebeu que o regionalismo podia oferecer à literatura um assunto, diretamente realizado pelas representações da cultura da região específica, uma técnica, os modos de expressão do povo e, enfim um ponto de vista, uma ideia geral sobre a sociedade e sobre os valores culturais. O substrato regional no Realismo conferiu à literatura assuntos, linguagem, sugestões e visões sobre os conflitos sociais, morais, entre outros.

Inicialmente, a imagem que logo se destaca é a paisagem do sertão, que o autor descreve detalhadamente:

Essa areia solta, e um tanto grossa, tem cor uniforme que reverbera com intensidade os raios do Sol, quando nela batem na chapa. Em alguns pontos é tão fofa e movediça que os animais das tropas viageiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquele terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela.

[...]

Ora é a perspectiva dos cerrados, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezados e retorcidos de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores que, se bem não tomem, todas, o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou regadas pela linfa dos córregos, contudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força que as alimenta; [...] (TAUNAY, 1872, p. 07)

O sertão, na obra, não funciona simplesmente como pano de fundo, mas como local onde as ações e condutas humanas são desenvolvidas. O sertão, como região e local, é o espaço



onde inúmeras relações são realizadas. O sertão passa a não ser apenas o meio, mas se personifica, pois influi nas ações humanas, impõe aos homens obstáculos, torna a vida ora difícil, ora dele se emana o que se precisa para continuar vivo.

O que torna interessante a obra *Inocência*, de Taunay, é que o sertão, ali demonstrado, está fora da área sertaneja da região nordestina, pois recai na região Centro-Oeste, onde o clima se denomina subtropical. Assim, o conceito de sertão tradicional, de terras inférteis e secas, não é o que encontramos na obra de Taunay. A paisagem em que a obra é ambientada é a zona rural de Mato Grosso, quando o estado ainda era indiviso, pois hoje seria o Estado de Mato Grosso do Sul, e, mesmo que os personagens residam a léguas de distância, não os priva de se conhecerem. Aqui nos surge a noção de “adentramento”, ou seja, o início da colonização do estado pelos bandeirantes, pelo distanciamento das casas e povoações. Começa-se a desenhar as primeiras povoações em Mato Grosso, com seus traços e costumes.

Desde aquela povoação, assente próximo ao vértice do ângulo em que confinam os territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até o rio Sucuriú, afluente do majestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de léguas, anda-se comodamente, de habitação em habitação, mais ou menos chegadas umas às outras; rareiam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminham-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao retiro de João Pereira. (TAUNAY, 1872, p. 11)

O distanciamento presente no trecho acima metaforiza e simboliza a própria distância entre o campo e a cidade, de outra forma, entre o Brasil rural e o Brasil urbano (litorâneo). Também poderíamos referenciar que esse distanciamento entre as casas alude ao distanciamento cultural entre os habitantes do interior e os das metrópoles brasileiras. Poderíamos citar como elemento cultural a visão tradicional de família, ainda centrada nas relações patriarcais, nas quais a relação das decisões do lar sempre recaem sobre o homem. Isso fica visível, quando Cirino, José Meyer, Pereira e Manecão discutem sobre o casamento. Cirino pergunta ao pai de Inocência se ela deseja Manecão como esposo, e a resposta não se refere ao desejo da filha, mas do pai.

_ Ah! É casada? Perguntou Cirino.

_ Isto é, é e não é. A coisa está apalavrada. Por aqui costuma labutar no costeiro do gado para São Paulo um homem de mão-cheia, que talvez o Sr. Conheça... o Manecão Doca... (...)

_ Mas sua filha?



_ Que tem?
_ Gosta dele?
_ Ora se!... Um homenzarrão... desempenado. E, quando não gostasse, é vontade minha, e está acabado. Para felicidade dela e, como boa filha que é, não tem que piar... Estou, porém, certíssimo de que o noivo lhe faz bater o coração... tomara ver o cujo chegado! (TAUNAY, 1872, p. 35;93)

Ao falarmos do sertão, temos que ter em mente que se trata de um espaço específico onde se desenrola uma série de movimentos, assim como a própria relação cíclica do espaço (estações). Partindo das considerações de Bakhtin (2010), podemos destacar que há na configuração do espaço, na obra, um cronotopo.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. (BAKHTIN, 2010, p. 211)

O que temos é que o cronotopo institui uma relação espaço-temporal que influi diretamente na conduta e nas ações das personagens e dos próprios fatos narrados. O sujeito está ligado ao mundo pelas mediações espaço-temporais. É visível na obra a localização espacial, a importância desse espaço para as personagens, assim como o movimento cíclico do tempo impera sobre o amadurecimento de cada uma delas.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem-número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai. (TAUNAY, 1872, p. 18)

O sertão, portanto, figura na obra como um cronotopo para as personagens, uma estrada que se abre para o interior do Brasil. Ainda sobre essa questão, Bakhtin (2010) destaca que “[...] a concretude do cronotopo da estrada permite que se desenvolva amplamente nele a vida corrente. Entretanto, essa vida corrente desenrola-se, por assim dizer, à parte da estrada, nos seus caminhos laterais.” (2010, p. 242)



O mundo sertanejo não é descrito, simplesmente, mas é apreendido dentro de um olhar sensível, por meio de uma linguagem que capta os sentimentos e ações, não só do homem, mas do próprio sertão.

É cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar à pressa jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida. Não há ponto em que não brote o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sôfrego de quem espreita azada ocasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura. (TAUNAY, 2010, p. 19)

Nota-se que o sertão de Mato Grosso é descrito por um olhar artístico, com todos os detalhes, desde a textura e consistência da terra, até o colorir dos raios de Sol sobre ela, o quanto os animais sofrem ao transitar por essa areia. Taunay traz todos os detalhes de uma viagem ao interior do sertão, ele segue comparando a vegetação de Mato Grosso com as dos estados de São Paulo e Minas Gerais, a magnitude das árvores de Mato Grosso. Descreve tão bem, a ponto de o leitor poder visualizar em sua mente toda essa paisagem.

E sempre Mato Grosso é visto pelo olhar de um viajante,

Nessa mata, trazem troncos das árvores vestígios das grandes enchentes; o terreno é lodacento e enetado; centro de putrefação vegetal donde irradiam os miasmas que, por ocasião da retirada das águas, se formam em dias de calor abrasador e sufocante.

Abundam ali coqueiros estípites curtos e folhuda coroa chamados aucuris, a que rodeiam numerosas lagoinhas de água empoçada e coberta de limo.

Em nada é, pois, aprazível o aspecto, e a lembrança de que ali imperam as temidas sezões faz que todo o viajante apresse a travessia de tão tristonhas paragens.

Ouve-se a curta distância o ruído do rio que corre largo, claro e com rapidez. Como duas verdes orlas refletem-se no espelhado da superfície as elevadas margens, a cujo sopé moitas de *sarandis* curvadas pelo esforço das águas e num balancear contínuo, produzem doce marulho. (TAUNAY, 1872, p. 122)

No fragmento acima é descrito o caminho que Cirino percorre em sua viagem, e essas são as descrições das vegetações, do clima, o som do lugar, tudo de forma muito detalhada e cuidadosa. Taunay traz essa imagem de Mato Grosso, vista de um ponto de vista artístico, tanto pintor, como escritor, analisando as cores da natureza, exaltando sua exuberância, sendo



no modo como a chuva cai e molha durante a noite, e a forma como colore a paisagem do sertão após a parada dessa chuva.

Basta uma noite, para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde-gaio, acetinado, cubra todas as tristezas de há pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flores do campo que desabotoam às carícias da brisa as delicadas corolas e lhe entreguem as primícias dos seus cândidos perfumes. (TAUNAY, 1872, p. 08)

O autor dá grande ênfase às características que dão “vida” a esse sertão que é relatado. Tais características são os costumes, a palavra dada e que não volta atrás; o quanto a mulher deve ser submissa; a forma como os sertanejos vivem, trabalham, falam e fazem suas negociações. Pode-se perceber tudo isso no decorrer do romance.

Dessa forma, conforme Bakhtin (2010) expõe:

As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas distâncias sociais, que são superadas. Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”, “ingressar numa nova estrada”, “o caminho histórico” e etc.; a metaforização do caminho é variada e muito planejada, mas o sustentáculo principal é o transcurso do tempo. (BAKHTIN, 2010, p. 350)

Pode-se notar que a escrita do Visconde de Taunay se identifica com a do explorador e escritor Hercules Florence, pois ambas as escritas são artísticas, são moderadamente rebuscadas. Os dois autores descrevem Mato Grosso, de maneira simples, porém com detalhes precisos e até fazem comparações com outros lugares. Florence em sua viagem por Mato Grosso narra:

Fomos durante esses dias nos aproximando do grande Paraguai que já se ia avolumando, como verificávamos no Taquari, não só pela diminuição de correnteza como pelo alagamento das margens, o que nos punha em dificuldades para achar terreno seco que servisse de acampamento. Nesses tempos de cheia é que caem em chusmas os mosquitos. Incomodavam-nos de modo insuportável. (1826, p.196)



É interessante como eles descrevem Mato Grosso, e, apesar de não serem tão recentes, essas escritas são bem claras e compreensíveis, retratando a vegetação, a fauna, a flora, os costumes do sertão mato-grossense e das pessoas que viveram nele.

Dessa maneira, a obra *Inocência*, de Taunay faz uma reflexão acerca do sertão, como espaço em que as personagens se constituem como sujeitos e é nesse espaço, que os conflitos e as relações se coadunam, além de representar por ele as relações regionalistas que não tornam o romance bairrista.

Referências

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 1.ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**.6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance**. Trad. A. F. Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A literatura no Brasil**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio / Niterói: EDUFF, 1986. v. 3. p. 231-321.
- COUTINHO, Afrânio et al. O regionalismo na ficção. In: COUTINHO, Afrânio. (Dir.). **A literatura no Brasil**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio / Niterói: EDUFF, 1986. v. 4. p. 234-312.
- FLORENCE, Hercules. **Outubro de 1826: A longa travessia das canoas**. In: CARVALHO, C. G. Viagens ao extremo Oeste: devastadores, aventureiros e cientistas nos caminhos de Mato Grosso. Cuiabá: VerdePantanal, 2005, p.185-216.
- PEREIRA, Maria Lúcia Miguel. **Prosa de ficção (De 1870 a 1920)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. (Coleção Documentos Brasileiros, 63).
- RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002
- SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Campinas: Pontes, 2003
- TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. In: CLIMACO, Robinson. Goiânia: Editora e distribuidora de livros Planeta LTDA. 1.ed. 1872.
- VERISSÍMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1969.